

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO - 2010

Ambiente Econômico

O desempenho da economia mundial, em 2010, foi marcado pela assimetria entre as performances das economias dos países desenvolvidos e emergentes. Enquanto os primeiros permaneceram num processo de recuperação da crise em ritmo lento, aquém do esperado no início do ano, os emergentes apresentaram taxas de crescimento aceleradas.

Nos EUA, a desalavancagem das instituições financeiras e das famílias, aliada a uma menor propensão a consumir, represou a recuperação. Na Europa, o risco de default das dívidas governamentais está, aparentemente, superado, contudo, a necessidade de geração de superavit fiscal impede a concessão de estímulos fiscais para dinamizar as economias.

O PIB brasileiro cresceu cerca de 7,5%, em 2010. A recuperação foi comandada pela indústria e o seu auge foi no primeiro trimestre do ano, quando cresceu 15,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. A partir daí, a recuperação da indústria perdeu fôlego.

O crescimento do PIB foi impulsionado pela demanda interna. Com isso, a taxa de desemprego atingiu os melhores níveis das últimas décadas e os negócios prosperaram.

A taxa de câmbio continuou sobrevalorizada, causando um déficit em transações correntes de aproximadamente US\$ 50 bilhões.

A inflação IPCA atingiu 5,91%, bem acima do centro da meta de 4,5%. Diante disso, no início de dezembro, o Banco Central tomou uma série de medidas macroprudenciais, que promoveu o enxugamento de R\$ 61 bilhões de excesso de liquidez e podou o crescimento da oferta de crédito. Segundo estimativas, essas ações equivaleram a uma elevação da taxa SELIC em cerca de 1 ponto percentual.

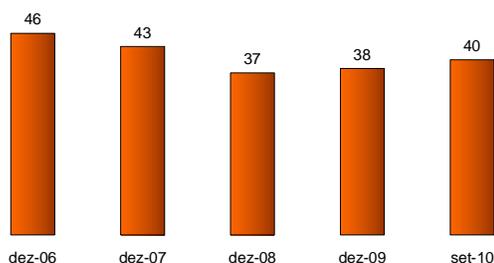
Cabe registrar que as medidas macroprudenciais afetaram os bancos e as chamadas “financeiras”, que concedem crédito

para consumo. As SCMEPPs, que concedem crédito para investimento e capital de giro, não sofreram o impacto negativo dessas medidas.

2. Análise Setorial - As Sociedades de Crédito ao Microempreendedor e à Empresa de Pequeno Porte (SCMEPPs)

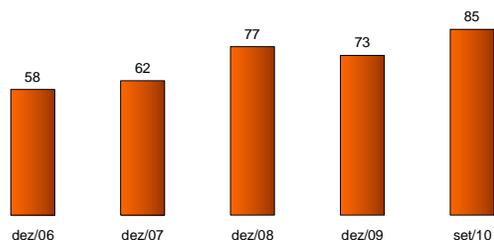
Em setembro de 2010, o número de SCMEPPs com carteira ativa atingiu 40, consolidando a reversão de tendência à queda da quantidade de SCMEPPs ocorrida até 2008, ocasião em que houve a reforma das normas que regem essas instituições.

Número de SCMEPPs com Carteira de Crédito Ativa



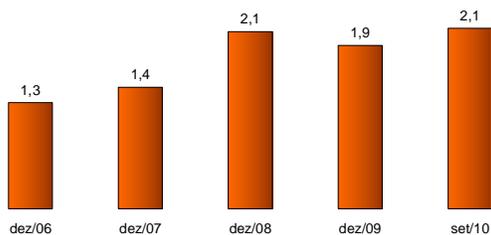
A carteira ativa das SCMEPPs atingiu R\$ 85 milhões, crescendo 16% em relação a 2009.

Evolução da Carteira Ativa Total das SCMEPPs (em R\$ milhões)

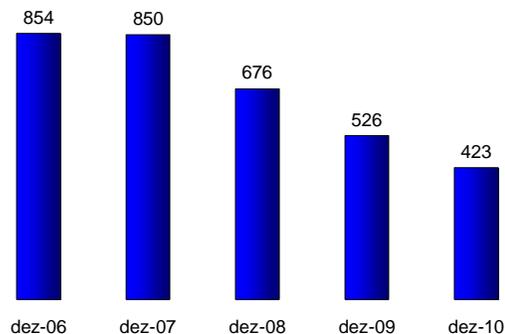


O valor médio das carteiras das SCMEPPs voltou ao patamar de R\$ 2,1 milhões, cerca de 10% acima de 2009.

Evolução da Média da Carteira Ativa das SCMEPPs (em R\$ milhões)



Clientes Ativos



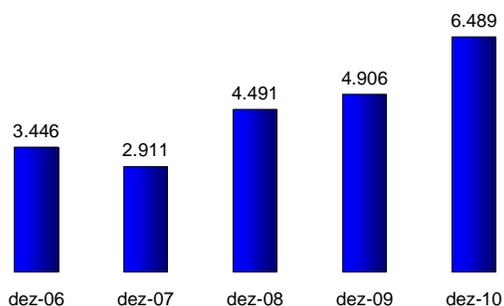
3. A Empresa

3.1. Carteira de Crédito

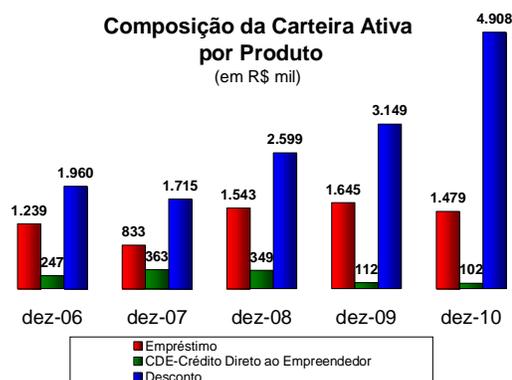
A carteira ativa atingiu R\$ 6,5 milhões, crescimento de 32% em relação ao ano anterior. Com esse volume de carteira, a Socialcred atingiu o quinto lugar dentre as 40 SCMEPPs existentes no país.

O produto “Desconto” foi o que mais cresceu de 2009 para 2010, com uma alta de 56%. O produto empréstimo apresentou uma queda de 10% que, no entanto, já estava sendo revertida nos últimos meses do ano. As operações de CDE – Crédito Direto ao Empreendedor recuaram mais 9%, devido à maior cautela na operação desse produto.

Carteira Ativa - Valor Atual (em R\$ mil)



Composição da Carteira Ativa por Produto (em R\$ mil)

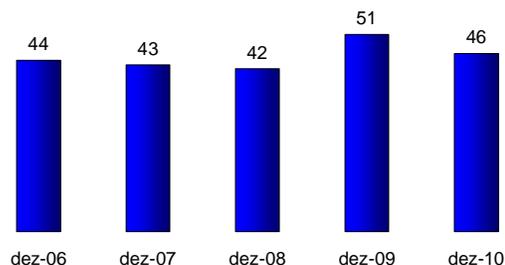


O número de clientes ativos manteve a tendência de queda, refletindo a diminuição das operações de CDE – Crédito Direto ao Empreendedor, produto que praticamente não foi operado em 2010, e um maior número de microempresas (MEs) e empresas de pequeno porte (EPPs) no mix da carteira.

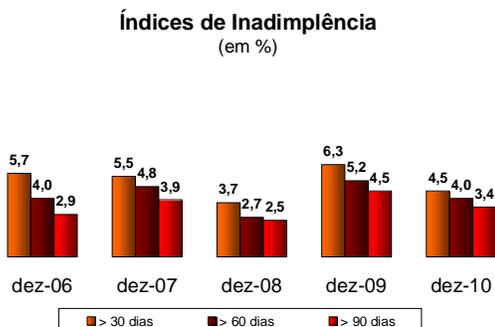
A rentabilidade da carteira foi de 46% em 2010, mantendo-se acima do seu patamar histórico, depois do pico ocorrido em 2009.

Como as MEs e EPPs geram um número maior de empregos para pessoas de baixa renda e, no caso específico dos setores de atuação da Socialcred, do sexo feminino, o impacto social da atuação da empresa ampliou-se.

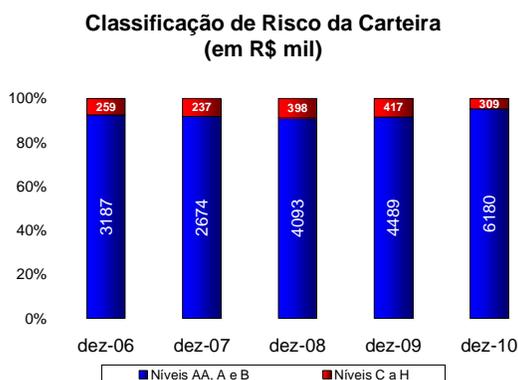
Rentabilidade da Carteira (Rec. Vinc. a Op. de Crédito / Carteira Ativa Média) (em % ao ano)



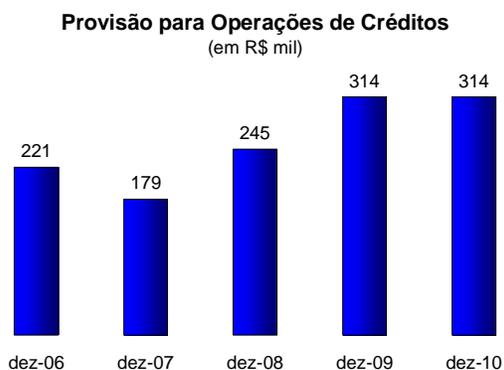
A qualidade da carteira melhorou, com os índices da Carteira em Risco (Portfólio at Risk) maior que 30, 60 e 90 dias reduzindo-se, respectivamente, de 6,3%, 5,2% e 4,5%, em 2009, para 4,5%, 4,0% e 3,4%, em 2010.



Essa melhoria de qualidade permitiu que 95% da carteira fosse classificada nas 3 melhores faixas de risco, contra 91% em 2009.



A provisão para operações de crédito foi mantida em R\$ 314 mil, aumentando a cobertura sobre a carteira em risco.

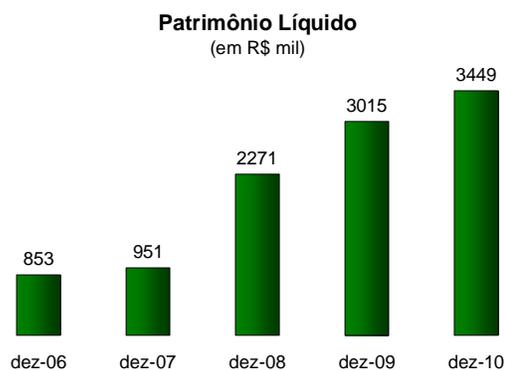


3.2. Funding

3.2.1. Capital Próprio

O Patrimônio Líquido aumentou 14,4% em 2010, somente com a acumulação do lucro líquido do ano.

A elevação do Patrimônio Líquido (PL) vem sendo uma estratégia da empresa, visando aproveitar os benefícios da Res. 3.567, de 29/05/2008, que permitiu que o risco de crédito por cliente correspondesse no máximo a 5% do PL.



3.2.2. Capital de Terceiros

As obrigações por empréstimos passaram de R\$ 1.747 mil para R\$ 3.053 mil, um crescimento de 75%, evidenciando o grau de confiança dos fundadores.



Com isso, o índice de alavancagem voltou a crescer, passando de 0,58, em 2009, para 0,89, em 2010. Contudo, ainda permanece baixo, considerando-se que as normas permitem o índice máximo de 10.

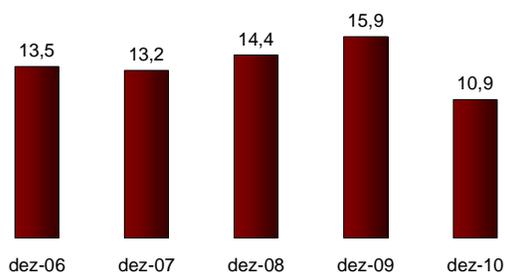
Alavancagem sobre o Patrimônio Líquido (Obrigações por Emp. e Repasses/Patrimônio Líquido)



A gestão do passivo, em 2010, além de permitir o alongamento dos prazos de vencimento das linhas de crédito utilizadas pela empresa, promoveu a redução do custo de capital de terceiros de 15,9% para 10,9% ao ano.

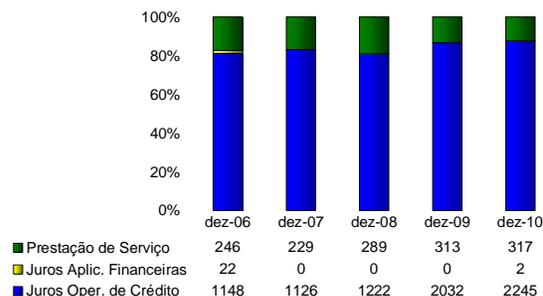
Custo do Capital de Terceiros

(Despesa com Juros / Capital de Terceiros Médio)
(em % ao ano)



O gráfico abaixo demonstra que as receitas de operações de crédito se elevaram mais do que as de serviço, consequência da elevação do ticket médio das operações.

Composição da Receita (em R\$ mil)

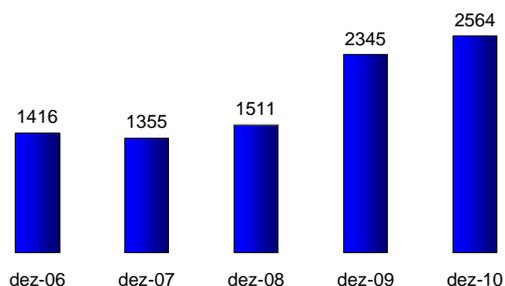


Abaixo, verifica-se que as despesas com juros de operações de empréstimos caíram substancialmente, em função da queda do custo do capital de terceiros. As despesas de pessoal cresceram em função da contratação de pessoal para suportar o crescimento projetado para os próximos anos. Por fim, as despesas com provisão para operações de crédito retraíram-se em decorrência da melhora da qualidade da carteira.

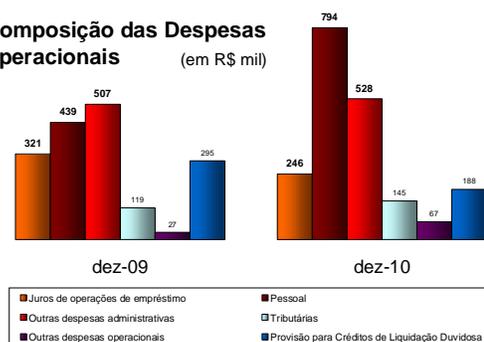
3.3. Resultado

Embora, em relação a 2009, a carteira ativa tenha crescido 32%, as receitas operacionais aumentaram apenas 9,3%, refletindo a queda das taxas cobradas nas operações ativas, movimento generalizado no mercado de crédito.

Receita Operacional (em R\$ mil)



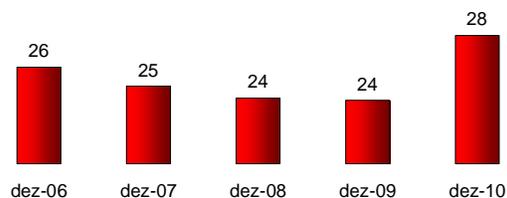
Composição das Despesas Operacionais (em R\$ mil)



O indicador de eficiência em termos de custos elevou-se de 24%, em 2009, para 28%, em 2010, refletindo o aumento de despesas com pessoal, conforme explicado acima.

Grau de Eficiência em Termos de Custos

(Despesas Administrativas / Carteira Ativa Média)
(em % ao ano)

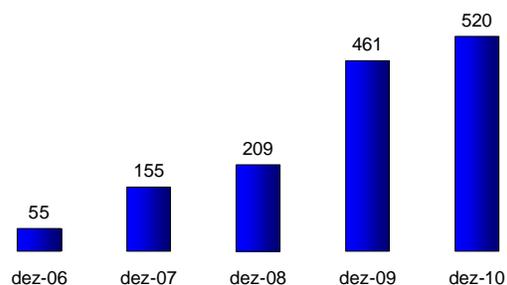


A remuneração aos acionistas manteve a tendência de crescimento, passando de R\$ 461 mil, em 2009, para R\$ 520 mil, em 2010.

Rubens de Andrade Neto
Presidente

Remuneração ao Acionista

(Lucro Líquido + Juros sobre o Capital Próprio)
(em R\$ mil)



Roberto da Silva Andrade
Vice-Presidente

João Luiz Moreira Mello
Diretor

Conseqüentemente, o Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) foi de 17,2%, equivalentes a 176% do retorno bruto de uma aplicação referenciada em CDI.

Retorno sobre o Patrimônio Líquido

(Lucro Líquido / Patrimônio Líquido)

